



Em busca de categorias de mansplaining: pesquisadoras compartilhando informações sobre violências sofridas¹

Seeking categories of mansplaining: researchers sharing information about violence suffered

Rodrigo Silva Caxias de Sousa *

Francine Conde Cabral**

Jéssica Paola Macedo Müller***

Helena da Silva Anselmo****

RESUMO

Estudo que analisa manifestações de sexismo compartilhadas através das postagens do blog Academic Men Explain Things to Me. Descreve o blog e apresenta o conceito de compartilhamento de informação como um tipo específico de prática informacional realizado em plataformas digitais. Correlaciona os conceitos de epistemologias do Sul à concepção de humanidades digitais, compartilhamento de informações, tendo como referência interpretativa as contribuições epistemológicas advindas do Sul. Foram descritas e analisadas as postagens com maior quantidade de interações, sendo propostas as seguintes categorias de mansplaining: Incapacidade intelectual

ABSTRACT

This study analyzes manifestations of sexism shared through blog posts Academic Men Explain Things to Me. Describes the blog and presents the concept of information sharing as a specific type of informational practice performed on digital platforms. It correlates the concepts of epistemologies of the South to the conception of digital humanities, information sharing, having as interpretive reference the epistemological contributions coming from the South.

The postings with the greatest number of interactions were described and analyzed, and the following categories of

¹ Trabalho realizado com financiamento do CNPq (Processo - 431367/2016-7).

* Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN/UFRGS). Professor adjunto III do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2705, Sala 508, Santana, CEP 90035-007, Porto Alegre, RS. Telefone: (51) 3308-5336. E-mail: rodrigo.caxias@ufrgs.br.

** Graduada do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2705, Sala 508, Santana, CEP 90035-007, Porto Alegre, RS. Telefone: (51) 3308-5336. E-mail: francine.conde@ufrgs.br.

*** Graduada do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2705, Sala 508, Santana, CEP 90035-007, Porto Alegre, RS. Telefone: (51) 3308-5336. E-mail: jessica.muller@ufrgs.br.

**** Graduada do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2705, Sala 508, Floresta, CEP 90035-007, Porto Alegre, RS. Telefone: (51) 3308-5336. E-mail: helenasanselmo@hotmail.com.

(II), Xenofobia (XE), Racismo (RA), Manifestação de agressividade (MA), Constrangimento (CO), Estigmatização (ES), Constrangimento institucional (CI) e Apropriação de discurso (AD). Conceitua tais categorias e as identifica quantitativa-qualitativamente através da apresentação dos resultados das análises das 176 últimas postagens. Identifica a predominância da categoria “Incapacidade intelectual” nas postagens. Conclui que as violências simbólicas identificadas nas postagens do blog são produto de manifestações sexistas de diferentes naturezas.

Palavras-chave: Mansplaining; Sexismo; Compartilhamento de Informações; Humanidades Digitais; Epistemologias do Sul.

mansplaining were proposed: Physical and intellectual disability (II), Xenophobia (XE), Racism (RA), Manifestation of aggression (MA), Embarrassment (CO), Stigmatization (ES), Institutional constraint (CI) and Discourse appropriation (AD). It conceptualizes such categories and identifies them quantitatively through the presentation of the results of the analyzes of the last 176 posts. Identifies the predominance of the category Physical and intellectual disability in posts. It concludes that the symbolic violence identified in the blog posts are the product of sexist manifestations of different natures.

Keywords: Mansplaining; Sexism; Information Sharing; Digital Humanities; Epistemologies of the South.

INTRODUÇÃO

A articulação entre as diferentes formas de saber produzidas na sociedade, se intensifica como desafio que paulatinamente vem se conformando às ciências sociais. Tal necessidade implica na possibilidade de rompimento com o instituído totalitarismo epistêmico, objetivado na perspectiva cartesiana, que pauta a atual estrutura de subalternidade do conhecimento e a noção de colonialidade do saber (MIGNOLO, 2004).

Complexificada se mostra essa proposição, em razão do uso de tecnologias que permitem a criação, apropriação e compartilhamento de informações em plataformas digitais. Essas plataformas se tornam loci viabilizadores de sociabilidades, edificadas pela convergência de problemas advindos de diferentes espaços. Dessa forma, as tecnologias digitais passam a se constituir em alternativa empírica e metodológica, por ampliar formas de investigação e, por conseguinte, de percepção, acerca da produção de saberes.

Nesse sentido, ao adotarmos o viés epistemológico das teorias do Sul (CONNELL, 2007; SANTOS, 2004, 2010a, 2010b; SANTOS; MENEZES, 2010), comungamos com outras interpretações em relação às discussões que ocorrem na sociedade sobre a violência sofrida por mulheres. Essa multiplicidade de violências simbólicas (BOURDIEU, 1999) a que estão submetidas toma proporções inusitadas, de tal forma que reverberam na internet. A rede, ao se constituir em ambiência virtual de identificação de formas de violência, configura-se também como espaço de denúncia e resistência por parte das mulheres em relação a tais manifestações. As ocorrências passam pela noção de subalternidade da mulher, julgando-a incapaz, física ou intelectualmente. Entretanto, atrelam-se a outras formas de violência em níveis micro, meso e macrossociológico (FOUCAULT, 1979, 1988; BOURDIEU, 1999; BOURDIEU; WACQUANT, 2002), condicionando subjetividades e práticas institucionais.

Dito isso, é necessário que sejam estabelecidas alternâncias interpretativas, relacionadas ao entendimento de como se constituem as diferentes formas de

violência contra as mulheres, compondo investigações que possam redimensionar a mutabilidade de tal fenômeno (RIFIOTIS, 2006a).

Este estudo discute à luz das epistemologias do Sul específicas ocorrências no meio digital: manifestações sexistas em relação às pesquisadoras compartilhadas através das postagens do blog Academic Men Explain Things to Me. Tal discussão foi proposta tendo como referência conceitual a aproximação entre práticas informacionais de compartilhamento de informação e humanidades digitais.

BLOGS: ESPAÇOS DE COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO

A web é marcada por vicissitudes que implicam em alterações tecnológicas condicionantes na forma como usuários se relacionam com informações e produtos disponibilizados na rede. Tais transformações permitem que um trânsito de problemas sociais discutidos em variados espaços se edifique em iminentes práticas informacionais a serem investigadas. Essas práticas desvelam nuances em relação a públicos específicos, indicando o quanto a rede se constitui como foco de investigação para as diferentes áreas do conhecimento; espaço de desvelamento de poder que reafirma relações de desigualdade instituídas a partir da lógica do capitalismo.

Outros componentes de conformação desse quadro estão relacionados às cooperações e compartilhamentos de conteúdos entre os usuários, de tal sorte que nos deparamos com racionalidades baseadas na socialização de informações. Esses componentes alicerçam argumentos de que a partir dos blogs são rompidas as fronteiras entre produtores e consumidores de informação (ANDERSON, 2006), propiciando debates políticos sobre sexismo na rede. Dessa forma, a rede se humaniza, ao se tornar um locus de discussão central à sociedade.

As inusitadas potencialidades que os blogs congregam em relação à análise de fenômenos sociais permitem que esses meios de comunicação se convertam em espaços de conversação. Isso toma proporções ainda maiores em razão das alternativas de composição hipertextual (LANDOW, 2009), tais como o uso de notas e hashtags que podem ser incluídas nos blogs. Nesse sentido, permitem a organização das informações, a ampliação do debate público e a permanência dessas interlocuções em torno de problemas sociais.

Embora o blog Academic Men Explain Things to Me não tenha explicitada sua autoria, é possível, a partir da análise de sua estrutura, mencionar que o mesmo se propõe a acolher relatos de mulheres que vivenciam situações de sexismo.

O que sua autora pretendia era “criar um espaço casual e anônimo para que acadêmicas do sexo feminino se juntem e compartilhem suas experiências. E transformar essas experiências em algo que pode ser quantificado, analisado e discutido. O ponto não é necessariamente envergonhar os mansplainers; não há nomes envolvidos aqui. O ponto nem é, necessariamente, zombar deles. O ponto, ao contrário, é destacar um fenômeno e convertê-lo em assunto de conversação (GARBER, 2012, tradução nossa)

Seu propósito é possibilitar que sejam compartilhados depoimentos como forma de interlocução sobre essas violências, compondo documentos web (postagens) que publicitem tais situações. Na página inicial do blog, é possível identificar a seguinte expressão: “Onde as mulheres relatam suas experiências de serem ‘mansificadas’, na academia e em outros lugares” (ACADEMIC MEN EXPLAIN THINGS TO ME, 2018,

tradução nossa). A expressão supracitada demonstra o quanto as relações de dominação são referência no âmbito da ciência, extrapoladas para as experiências vivenciadas em outros espaços.

É prudente trazer à tona o conceito de práticas informacionais, de forma que se constitua como balizador das discussões do presente estudo. Para Savolainen (2007), as práticas informacionais são um conceito “guarda-chuva” que serve para investigar e descrever fenômenos relacionados ao compartilhamento da informação, transcendendo a mera possibilidade de acesso a informações. Permitem identificar o conjunto de inter-relações entre os atores sociais, a partir de distintas perspectivas: a interlocução entre os usuários de tecnologias digitais, a conformação de sociabilidades advindas das ações efetivadas na rede, a convergência de saberes que se prestem a redimensionar e resistir diante das relações de poder.

O conceito de prática informacional se constitui como parâmetro central ao que a investigação aqui realizada se propôs, em razão de permitir que sejam interpretados os depoimentos compartilhados por pesquisadoras acerca de violências por elas sofridas. Marteleto (1994, p. 134) define prática informacional como

[...] mecanismos de apropriação, rejeição, elaboração de significados e valores, não numa sociedade sincrônica, que guarda uma relação direta e cumulativa com a tradição, mas naquela onde os sujeitos elaboram suas representações.

Entre as práticas informacionais, o compartilhamento de informação se configura como alternativa de inconformidade em relação ao sexismo sofrido pelas mulheres, constituindo-se, outrossim, como um ato de resistência:

[...] as mulheres têm sido exímias na sua capacidade de “costurar” diferentes estratégias de resistência, em espaços para si desconhecidos, mas em que elas penetram através duma construção diferente de espaço, através de uma diferente linguagem, maneira de vestir, de cuidar da sua família, através de redes que vão engendrando, e em que se verifica uma miscigenação de culturas (CASIMIRO, 2014, p. 146, grifo nosso)

Requer reflexão o fato de que a pluralidade significativa de problemas sociais discutidos na rede implica em variados processos de compartilhamento de informações. Concernente ao compartilhamento, é preciso destacar que o mesmo

[...] não é um fenômeno específico [...] as ferramentas da web 2.0 possibilitaram o compartilhamento de informação em larga escala pelos usuários da rede mundial de computadores e um dos espaços mais utilizados com esta finalidade são as comunidades virtuais presentes nos sites de redes sociais. Além de reunirem pessoas em torno de interesses comuns, esses ambientes se prestam à busca, uso e compartilhamento da informação [...] (CORRÊA, 2016, p. 40-41).

Ademais, Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005, p. 102) destacam que o compartilhamento de informações “requer a adoção de uma postura de cooperação, em que os atores utilizem múltiplos recursos, valorizando tanto o contato pessoal quanto o uso da tecnologia como ferramenta de comunicação”.

É preciso enfatizar que o uso dos blogs como manifestação de resistência ao sexismo atribui coerência teórica e metodológica em relação ao viés epistemológico adotado: uma mirada do Sul à luz das humanidades digitais. Buscamos interpretar, a partir dos

relatos compartilhados nas postagens, a amplitude de violências simbólicas sofridas por pesquisadoras.

EPISTEMOLOGIAS DO SUL E HUMANIDADES DIGITAIS: APORTES INTERPRETATIVOS

A pertinência das epistemologias do Sul como referência para interpretação de fenômenos em plataformas digitais baliza-se na convergência de diferentes saberes. Alternativas de descolonizar nossa própria compreensão do mundo e das pessoas traduz um empenho epistemológico que é, como tal, simultaneamente ético e político (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2016). Essa concepção é fruto do movimento acadêmico e intelectual que reúne perspectivas contestatórias ao padrão adotado em âmbito global (BALLESTRIN, 2017, p.1.035). Este estudo vincula esse viés epistemológico às mediações oriundas das tecnologias digitais e aos estudos de gênero. Requer assumir também que o sexismo se complexifica e se refina através do uso de tecnologias digitais na internet. Sob essa ótica:

Um ponto de partida essencial desta proposta epistemológica é a convicção de que todos os saberes são incompletos, condição a que não escapa a própria ciência. [...] resulta uma declaração de irrelevância da ciência, mas antes a ideia de explorar a pluralidade, isto é, as práticas internas alternativas, bem como a interação e a complementaridade entre saberes científicos e saberes não científicos. Não se propõe uma substituição de um processo construído de cima para baixo por um processo que funciona de baixo para cima, mas uma meta de criação de relações não hierárquicas entre saberes (científicos, leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, indígenas, entre muitos outros). As epistemologias do Sul surgem como uma proposta epistemológica subalterna, insurgente, resistente, alternativa contra um projeto de dominação capitalista, colonialista e patriarcal, que continua (SANTOS; ARAÚJO; BAUMGARTEN, 2016, grifo nosso).

A composição de relações de horizontalidade entre os saberes constitui-se em parte do processo de subversão da lógica capitalista de produção hegemônica do conhecimento científico. A homogeneidade epistêmica está associada à perspectiva androcêntrica de produção dos saberes, que necessita ser superada. Segundo Facio e Camacho (199-),

[...] uma das características da sociedade patriarcal, que consiste em tomar o homem como medida de todas as coisas e, portanto, tomá-lo como modelo, como protótipo ou paradigma de ser humano. [...] Em virtude do androcentrismo, todos os estudos, análises, investigações, narrações e propostas são enfocadas a partir de uma perspectiva unicamente masculina. Em virtude do androcentrismo, os resultados dessas investigações, observações e experiências, são tomados como válidos para a generalidade dos seres humanos, tanto homens como mulheres.

Implica dizer que as epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, ao valorizar “[...] as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7). Conexo à epistemologia aqui apresentada, o termo humanidades digitais fundamenta-se como norte teórico-metodológico dessa

investigação. O termo “humanidades digitais” é empregado para descrever o uso da tecnologia para obtenção e manipulação de dados de pesquisas das ciências sociais (GALINA RUSSELL, 2011; GUERREIRO; BORBINHA, 2014; SILVEIRA; GUEDES, 2018), designando concomitantemente “os efeitos que os recursos tecnológicos têm na vida das pessoas, em especial dos impactos que o digital gera nas relações sociais e nas áreas estudadas das ciências humanas e sociais [...]”. São ampliadas tais potencialidades no sentido de interpretar o quanto manifestações de mansplaining se edificam em plataformas digitais.

Esse processo se propõe a gerar “uma mudança de paradigma no que se refere ao comportamento social em relação às tecnologias, cultura, política, arte, entre outras interseções possíveis sobre o campo, que vai além da mera articulação de conhecimentos e metodologias utilizados pelas ciências humanas no ambiente digital” (GUERREIRO; BORBINHA, 2014). Requer ampliações no que tange às interpretações de fenômenos que estão no limiar entre humanidades, sociabilidades e tecnologias. Especificamente em relação aos blogs, através dos mesmos é possível identificar uma série de tensionamentos discutidos off-line que agora são identificados na rede. De acordo com Castells (2017), “o mundo real em nossa época é um mundo híbrido, não um mundo virtual nem um mundo segregado que separaria a conexão on-line da interação off-line”. Se no mundo off-line, as mulheres são dominadas em quase todos os espaços, sobretudo quando tratamos do meio acadêmico, é preciso descortinar os mecanismos que reforçam essa dominação e garantem que o espaço da mulher seja limitado àquele que os homens decidiram; não por acaso, localizando-se intrinsecamente afastado da ciência.

O processo de formação da sociedade é, também, resultado da atribuição de papéis sociais de forma a organizá-la conforme a lógica patriarcal. Nessas condições, o papel da mulher é projetado através de manifestações de submissão e adequação. Tendo em vista a consolidação da diferenciação de gênero, é estigmatizado que a mulher não seja vista como integrante das instâncias de produção científica. Compreendemos, portanto, que ainda predomina a noção de que pesquisadoras, especialistas em determinadas áreas do conhecimento, continuam sendo vistas como desviantes, embora suas participações na ciência sejam um ato de resistência e, por conseguinte, de transformação social.

Torna-se urgente desvelar de que forma o uso de tecnologias digitais, como os blogs, edificam-se enquanto mecanismos de resistência às violências sofridas pelas mulheres na ciência. No espaço subsequente de escrita, apresentamos as formas de apropriação desses saberes dispersos que nortearam a metodologia do estudo em questão.

METODOLOGIA

Estudo de caráter exploratório-descritivo, de natureza mista, baseado na análise de conteúdo de documentos web – postagens incluídas no blog Academic Men Explain Things to Me (THELWALL, 2004). A abordagem de procedimento de métodos mistos (CRESWELL, 2007) foi parte de uma configuração de pesquisa iniciada a partir da identificação de neologismos expressos no grupo Open Bar De Male Tears, existente no Facebook.

As expressões inicialmente percebidas, “mansplaining”, “maninterrupting” e “bropropriating”, a partir de busca no Google, foram identificadas em sites (Universa, +Mulher360 e Urban Dictionary) que arrolavam esses neologismos. Os que envolviam

questões de gênero foram aduzidos para posterior identificação do termo com maior número de ocorrências, monitorado no período entre outubro de 2018 e janeiro de 2019.

As categorias foram obtidas a partir de um corpus composto pelas 15 postagens arroladas dos anos de 2012 e 2013. O critério adotado para a composição do corpus foi relativo às postagens com mais notas identificadas, classificadas por mês. As postagens foram salvas no dia 30 de outubro de 2018, em .PDF. A técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2004) iniciou com a leitura flutuante do conteúdo das postagens. Posteriormente, foi realizada a tradução das postagens para língua portuguesa, como forma de viabilizar as interpretações relativas aos conteúdos compartilhados pelas pesquisadoras.

Foram excluídas sete postagens que não versavam sobre questões relativas à ciência. Foram analisadas as oito postagens mais curtidas nos 15 meses em que o blog ficou ativo (outubro de 2012 a novembro de 2016), em razão de que foram extraídas postagens que não tinham o seu conteúdo vinculado ao sexismo na ciência. Do total de 13 categorias emergidas da pré-análise, foram estabelecidas as seguintes operações: redefinição conceitual de 2 categorias, exclusão de 2, e permanência de 11, computando o total de 8 categorias.

Posteriormente, um segundo corpus foi constituído das 176 últimas postagens incluídas no blog *Academic Men Explain Things to Me*, também salvas em .pdf e organizadas em uma planilha do software Excel. As análises consideraram os títulos das postagens, seguidos da interpretação do conteúdo, respectivas inferências e suas codificações. Esse procedimento analítico ocorreu entre os meses de novembro de 2018 a janeiro de 2019.

POSTAGENS COM MAIOR NÚMERO DE NOTAS

A primeira das postagens, intitulada “Mansplaining with a side order of racism”, versa sobre uma pesquisadora americana-asiática, que durante um voo doméstico foi abordada por um homem. Embora tenha sido taxativa em mencionar que estava se dirigindo à universidade para ministrar aulas de língua inglesa, o homem insistiu em relativizar os termos utilizados por ela, explicitamente pelo fato de pertencer a outro grupo étnico.

É possível depreender que não há problemas de conhecimento do vocabulário, visto que a pesquisadora é especialista na área. Conclui-se que a manifestação demonstra a articulação do sexismo com elementos característicos de discriminação racista e xenofóbica. Essa dualidade de manifestações é resultado do processo de formação sociocultural dos EUA, compondo um imaginário em relação ao representante do cidadão norte-americano: branco, anglo-saxão (inclusos descendentes) e protestante. Todo aquele que pertença a outro grupo étnico, ainda que faça parte da sociedade norte-americana, é visto e tratado como estrangeiro. Como critério de qualificação étnico-racial, nos EUA, não há a categoria “mestiço”, isto é, o indivíduo é tipificado de acordo com a sua ancestralidade. Possuindo parentes que sejam de outro grupo étnico, é automaticamente categorizado neste grupo. (BOURDIEU; WACQUANT, 2002).

Na segunda postagem, “Your personal breakthrough doesn’t belong to you”, narra-se um fato ocorrido com uma aluna do curso de Animação, que observa a tradição de predomínio masculino no curso. É evidente sua dedicação à conclusão de trabalhos e à aprendizagem do conteúdo, ainda que ouvisse conselhos de terceiros sobre sua

produção acadêmica. Ressalva que, a partir da primeira aula sobre 3D, o instrutor explicitamente não se mostrou convencido a respeito do seu conhecimento. Ao se valer de referências estéticas diferentes das propostas pelo instrutor, ele a agrediu, sugerindo que ela teria uma idade mental de cinco anos, fazendo com que se sentisse inferiorizada. O instrutor a ameaça de expulsão, que apenas não se concretiza pela falta de provas. A injúria ocorre também por parte da instituição de ensino, que intima a aluna a prestar esclarecimentos a respeito da situação junto à direção. O descrédito do instrutor em relação à composição do trabalho, a infantilização sugerida e o discurso agressivo, agregado à convocação para prestar esclarecimentos, permitiu-nos chegar a duas categorias fundamentais: estigmatização e constrangimento institucional. A dominação masculina é uma violência simbólica, relacionada às estruturas sedimentadas do pensamento. Está presente nas formas imperceptíveis de falar e agir, visto que é um processo naturalizado no campo simbólico, legitimando a violência física. Como conceitua Bourdieu (1999, p. 7-8),

[...] violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce, essencialmente, pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece, também, uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado de uma língua (ou de uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma.

A violência simbólica reside no fato de que, ao infantilizar a mulher, o homem a está destituindo da condição de sujeito e diminuindo o espaço – físico e social – que ela pode ocupar. O uso de palavras no diminutivo e explicações didáticas para coisas óbvias reafirmam a concepção de que mulheres precisam ser “domesticadas”. Para além, concebe a mulher como um ser que necessita ser conduzido, intelectualmente limitado para decidir sobre si mesmo. Sendo assim, cabe a ela aceitar o papel que o homem lhe atribui.

A terceira postagem, intitulada “Where modern feminism is going wrong”, trata-se de um caso compartilhado por uma mestranda do curso de Artes. Ela relata uma conversa com um colega sobre a contribuição de Simone de Beauvoir e suas teorias sobre o funcionamento do patriarcado, durante a qual é interrompida pelo colega, que passa a explicar a ela acerca do feminismo moderno, embora tenha lido somente a metade do livro Segundo sexo. Após uma série de argumentos reducionistas e pauperizados do colega, a mestranda passa a relativizar as ideias dele, fundamentando-as nas teorias da masculinidade. Por fim, a autora questiona a apropriação de um discurso por um homem cisgênero, em razão da audácia em se permitir explicar sobre feminismo para uma especialista no assunto.

A quarta postagem versa sobre o ingresso de uma aluna no MIT, que narra uma série de manifestações, de que teria ingresso única e exclusivamente pelo fato de ser mulher e não por sua capacidade intelectual. O conteúdo da mensagem permite verificar a discordância por parte da aluna em relação a esse comportamento. É mencionado que o decano de admissão menospreza a aluna, argumentando que, diferentemente dos homens, que têm uma competência acadêmica ampla e variada, as mulheres não possuem tais atributos, pois sua formação é homogênea.

A quinta postagem descreve a viagem de uma pesquisadora com os colegas, identificando que um de seus amigos traz um “kit de emergência”. O homem é questionado sobre a existência de um absorvente interno, afirmando que o possui, e questiona a mulher sobre estar no período menstrual, o que é confirmado por ela. Ele diz que, em razão de estar menstruada, a colega não poderia nadar. As mulheres, após o constrangimento causado pelas risadas dos colegas, questionam essa afirmação. O colega explica que uma mulher não pode nadar menstruada, visto que o absorvente poderia inchar. Diante da alegação, a pesquisadora demonstra impaciência, sendo questionada ironicamente se já havia utilizado este tipo de absorvente. As explicações perduraram a respeito do uso de absorvente interno, sendo encerradas quando as mulheres expuseram, em forma de chacota, a conversa para o restante do grupo de viagem. Este comportamento evidencia uma lógica de gerenciamento do corpo da mulher, cujo a norma, aplicada ao corpo, é forjada de forma a estabelecer uma ordem de regulação (FOUCAULT, 1979).

A sexta postagem ilustra a situação vivenciada por uma pesquisadora, mencionando que sua inserção na universidade é produto de sua trajetória acadêmica. Tendo em vista o atraso de seu ex-namorado em seu processo de formação acadêmica, a justificativa por ele dada foi de ser um homem branco. Ele argumenta que pessoas negras e mulheres têm vantagem sobre homens brancos, em razão de que a sociedade tem um papel preponderante nessa ascensão. Ao contradizê-lo, mencionando estudos científicos e estatísticas sobre o assunto, ele a menospreza, ao afirmar que a suposta recuperação de informações no Google não é suficiente para torná-la uma especialista. Complementa dizendo que gostaria de ser uma mulher negra para poder se formar, ter um ótimo emprego e uma autoestima elevada, pois homens brancos são ensinados que não são tão importantes ou inteligentes. Pauta seu argumento tendo como referência as ações afirmativas, desconsiderando as relações estruturais de opressão que incidem sobre as minorias, o que ele absurdamente diz se tratar apenas de uma teoria, tendo em vista que apenas os homens brancos sofrem opressão estrutural de mulheres e minorias.

Ao considerarmos a formação do Estado norte-americano, é crucial recordar o processo de segregação da população negra, ocorrendo mesmo após a abolição em 1860 (MEDEIROS, 2013). Constituíram-se dois mundos distintos: de brancos e de negros. Essa realidade influencia na composição de um imaginário de representação do cidadão norte-americano, ao qual não se incluem as mulheres negras. Ademais, uma parcela da população branca acredita que são dadas facilidades para a população negra. É necessário considerar que, apesar do ingresso na universidade, estudantes negros enfrentam diversos desafios quanto à sua permanência, que vão desde dificuldades financeiras até a adaptação a um cenário que é constituído historicamente de forma hegemônica por um único grupo étnico (CALMON; LAZARO, 2013).

Na sétima postagem, menciona a autora que, em razão de se candidatar à faculdade de Direito, pediu conselhos para seu orientador sobre a realização de provas para o ingresso na vida acadêmica. O orientador insistiu em elencar instituições que seriam “acessíveis”, possuindo um processo seletivo menos acirrado. Ele insiste em manifestar sua contrariedade em relação a sua aprovação em instituições de alto nível, procurando respaldo ao dizer que a vida não é como “aquele filme”, referindo-se à *Legalmente loira*. Ainda que a aluna reafirme ter uma boa pontuação na escala GPA do high school, o orientador desdenha, dizendo que vale a pena tentar e, se nada der certo, pelo fato de ser bonita, ela poderá, ao menos, casar-se com um advogado.

Na oitava postagem, uma estudante de medicina relata que em um tutorial de anatomia, um colega exclamou que os homens eram azarados devido ao fato de que, para eles, o cateterismo se caracterizava como um procedimento doloroso. A estudante replicou que o procedimento seria doloroso para mulheres também, ainda que a uretra fosse mais curta. O homem a contestou, dizendo “Hum, não. O buraco é enorme, você pode colocar um pau lá dentro” (“Peeing from my vagina? News to me!”, 2013, tradução nossa). Quando a mulher tentou explicar a diferença entre uretra e vagina, ele duvidou e debochou da fala dela. A estudante afirma que, pelo fato de ser mulher, possui maior conhecimento sobre a própria anatomia. O homem, ainda desdenhando, olhou para cima e refletiu sobre o que foi dito por sua colega, como se tratasse de um despropósito. O processo de qualificação e desqualificação do corpo feminino é “integralmente saturado de sexualidade”, conduzindo a uma percepção de reprodução. (FOUCAULT, 1988). Desse modo, compreendemos que, a partir da sexualização do corpo feminino, é naturalizado que o homem o conceba como um receptáculo.

As análises permitiram que se chegasse às 11 categorias abaixo descritas, suscitando inquietações quanto à ocorrência delas entre as outras postagens.

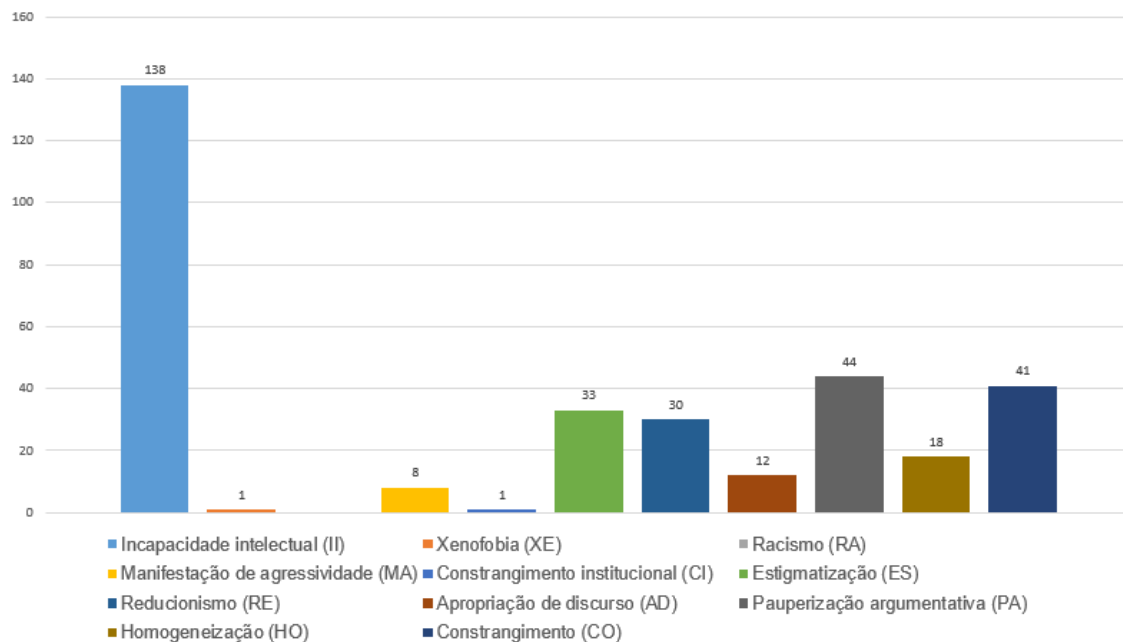
Quadro 1 – Categorias de sexismo na web.

Categorias emergidas	Codificação	Descrição
Incapacidade intelectual	II	Manifestações que buscam desqualificar ou relativizar a capacidade intelectual da mulher
Xenofobia	XE	Manifestações discriminatórias por meio das quais um homem demonstra aversão à mulher de nacionalidade diversa à sua
Racismo	RA	Manifestações de desqualificação em razão do pertencimento de uma mulher a um grupo étnico-racial distinto
Manifestação de agressividade	MA	Manifestações explícitas efetivadas por homens tendo como fundamento palavras, expressões ofensivas e xingamentos em relação às mulheres
Constrangimento institucional	CI	Manifestações de constrangimento centradas nas relações de poder consolidadas na cultura institucional ou nas subjetividades
Estigmatização	ES	Manifestações que buscam estereotipar a forma como procedem ou se caracterizam as mulheres
Reduccionismo	RE	Manifestações que implicam em homogeneizar ou simplificar os argumentos utilizados por uma mulher
Apropriação de discurso	AD	Manifestações através das quais um homem, consciente de que sua fala se refere a uma experiência exclusivamente feminina, desqualifica o discurso de uma mulher
Pauperização argumentativa	PA	Manifestações pautadas pelo uso de argumentos pouco ou sem nenhuma fundamentação que buscam confrontar, desqualificar ou refutar a fala de uma mulher
Homogeneização	HO	Manifestações que intencionam colocar em um único patamar todas as mulheres
Constrangimento	CO	Manifestações de afronte e ironia por parte de um homem em relação à fala de uma mulher

Fonte: elaborado pelos autores.

Como forma de ampliar o escopo da pesquisa, analisamos as 176 últimas postagens do blog. Em relação à distribuição de ocorrências, entre as 176 postagens verificamos a prevalência da categoria “Incapacidade intelectual” [II] (138 ocorrências, 78,40%), tanto isoladamente quanto de forma combinada, conforme mostra o Gráfico 1 abaixo.

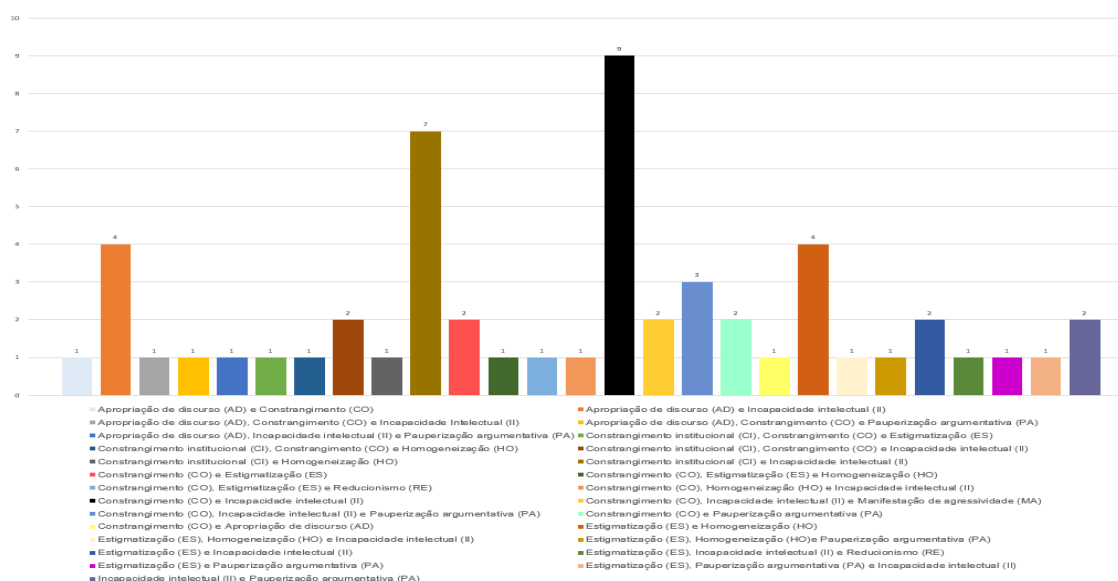
Gráfico 1 – Ocorrências de categorias de mansplaining.



Fonte: elaborado pelos autores.

No extremo inferior, entre as 176 postagens a categoria “Racismo” não foi identificada. Destacamos que a categoria racismo foi proposta em razão de que na postagem “Mansplaining with a side order of racism”, anteriormente mencionada, a manifestação xenofóbica identificada não estava desatrelada da noção de racismo, pelo fato de ser identificada explicitamente no título da postagem. Relativo à ocorrência de combinações entre categorias prevaleceu a combinação entre as categorias Constrangimento (CO) e Incapacidade intelectual (II), ilustrada no gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Ocorrências de combinações de categorias de mansplaining.



Fonte: elaborado pelos autores.

Em relação à quantidade de notas atribuídas às 176 postagens, o somatório foi de 140.017. A excessiva quantidade de notas pode ser explicada em razão da postagem “She’ll be stunned, all right!”, a qual contabilizava 114.411 notas. A postagem com menor número de notas foi “I work in a restaurant. I KNOW WHAT MARKET PRICE MEANS.” O total de hashtags encontrado totalizou 729 ocorrências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises das postagens nos permitem concluir que o blog se configura como meio de comunicação extremamente importante à organização, registro e compartilhamento de violências sofridas pelas mulheres no âmbito da ciência.

Neste artigo, propusemo-nos a analisar as práticas de compartilhamento de informação no blog Academic Men Explain Things to Me. Tendo como referência as epistemologias do Sul, o detalhamento teórico-metodológico teve a pretensão de aproximá-lo das humanidades digitais, discutindo em que medida os blogs se constituem como espaço de resistência às violências sofridas por pesquisadoras. Isso implicou na composição de uma metodologia que identificou termos amplamente discutidos na web, permitindo observar a convergência de discussões que ocorriam paulatinamente no Facebook, e, em momento posterior, em documentos web (postagens).

Partimos de um desenho de pesquisa que metodologicamente buscou ultrapassar a perspectiva cartesiana meramente acadêmica, buscando através do caráter exploratório-descritivo da pesquisa os elementos que deram norte à investigação, considerando a convergência de informações identificadas em meio off-line e em diferentes plataformas digitais (Facebook e blogs). Dessa forma, um debate amplamente efetivado na rede foi considerado fundamental à composição do estudo.

A aproximação entre as práticas informacionais de compartilhamento de informações no Facebook pelos autores deste estudo foi determinante no sentido de que

reincidentes aproximações e distanciamentos fossem feitos em relação ao objeto de estudo, atentando para validações interpretativas, considerando sociabilidades que se articulam a partir da composição de neologismos e termos específicos (mansplaining), compondo uma atmosfera de discussões na esfera pública.

A ênfase nas análises permitiu que elencássemos um total de 11 categorias de mansplaining, de acordo com as postagens com maior número de notas. Como forma de validar o fenômeno estudado, avançamos no sentido de categorizar as últimas 100 postagens do blog. Esse movimento analítico nos possibilitou chegar à identificação da categoria que predominantemente alicerça o compartilhamento de informações acerca de manifestações sexistas em relação às mulheres na internet: incapacidade intelectual (grifo nosso).

Essa preponderância desvela que as violências simbólicas notadamente manifestadas partem de uma perversa perspectiva que hipoteticamente subjuga as mulheres em razão de uma pretensa limitação intelectual. Porém, não se pode negligenciar que os argumentos sexistas utilizados se coadunam a partir da combinação com outras categorias. Esses dados desvelam a pungência que caracteriza as distintas formas de violência identificadas na internet.

Ainda que diante de um exorbitante desconforto evidenciado através dos relatos compartilhados pelas pesquisadoras nas postagens do blog e categorizados nesta investigação, sugerimos que outros estudos, pautados em termos adjacentes, à luz das contribuições epistemológicas do Sul, possam ser efetivados por pesquisadores da ciência da informação no que se refere às violências de gênero.

Artigo recebido em 29/01/2019 e aprovado em 07/05/2019.

REFERÊNCIAS

ACADEMIC MEN EXPLAIN THINGS TO ME. Disponível em: <<http://mansplained.tumblr.com>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

ANDERSON, C. A cauda longa: do mercado de massa ao mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Feminismos subalternos. *Estudos Feministas*, v. 25, n. 3, p. 1.035-1.054, set./dez. 2017.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUMGARTEN, Sociedade, conhecimentos e colonialidade: olhares sobre a América Latina. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2016.

BERRY, D. (Ed.). *Understanding digital humanities*. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. Sobre as artimanhas da razão imperialista. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 1, p. 15-33, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n1/a02v24n1.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

CALMON, Cláudia; LÁZARO, André. A cor da universidade e a importância das ações afirmativas. In: BARROS, Ronaldo Crispim Sena. *Políticas afirmativas no ensino superior: a experiência da UFRB*. Organização de André Lázaro e Laura Tavares. Rio

de Janeiro: Flacso, GEA: Uerj, LPP, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/flacso-br/20170905051637/pdf_35.pdf>. Acesso em: 31 out. 2018.

CASIMIRO, Isabel Maria. Paz na terra, guerra em casa: feminismos e organizações de mulheres em Moçambique. Recife: Ed. da UFPE, 2014. (Série Brasil & África, Coleção Pesquisas 1).

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CAVIGLIA, G.; CIUCCARELLI, P.; COLEMAN, N. Communication design and the digital humanities: visualizations and interfaces for humanities research. In: INTERNATIONAL FORUM OF DESIGN AS A PROCESS, 4., 2012. Proceedings...

CONNEL, R. Southern theory: the global dynamics of knowledge in social science. Cambridge, UK: Polity Press. 2007.

CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. Comportamento informacional em comunidades virtuais: um estudo netnográfico do grupo de interesses Seer/OJS in Brazil do Facebook. *Biblionline*, João Pessoa, v. 12, n. 3, p. 112-125, jul./set., 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/28172/16634>>. Acesso em: 29 out. 2018.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FACIO, Alda; CAMACHO, Rosalia. Del derecho androcentrico hacia una propuesta para un nuevo derecho de familia. [199-?]. Mimeografado

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GALINA RUSSELL, Isabel ¿Qué son las humanidades digitales?. *Revista Digital Universitaria*, v. 12, n. 7, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.revista.unam.mx/vol.12/num7/art68/index.html>>. Acesso em: 8 jul. 2019.

GARBER, MEGAN. Share your experiences as a mansplaineer here. *The Atlantic*, 2012. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/technology/archive/2012/10/share-your-experiences-as-a-mansplaineer-here/263681/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Brasília: Anpocs, n.2, p. 223-244, 1984.

_____. _____. Por um feminismo afro-latino-americano. *Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino: batalhas de ideias*, n.1, 1988.

GUERREIRO, D.; BORBINHA, J. Humanidades digitais: novos desafios e oportunidades. *Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas*, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/6TrFAz>>. Acesso em: 27 set. 2018.

LANDOW, G. P. *Hipertexto 3.0: la convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología*. Barcelona: Paidós, 2009.

MARTELETO, R. Cultura da modernidade: discursos e práticas informacionais. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte*, v.23, n.2, p.115-137, jul./dez. 1994.

MEDEIROS, Carlos Alberto. Brasil, Estados Unidos e a questão racial: a fertilidade de um campo cheio de armadilhas. In: PAIVA, Ângela Randolpho (Org.). Ação afirmativa em questão: Brasil, Estados Unidos, África do Sul e França. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. Linhagens pós-coloniais e a possibilidade de ampliação do conhecimento: um debate epistemológico. In: BAUMGARTEN, M. (Org.). Sociedade, conhecimentos e colonialidade: olhares sobre a América Latina. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2016.

MIGNOLO, W. Os esplendores e as misérias da ciência: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluralidade epistêmica. In: SANTOS, B. S. (Org.). Conhecimento prudente para uma vida decente. São Paulo: Cortez, 2004.

RIFIOTIS, T. Repensando as estratégias de reconhecimento social dos direitos humanos. In: VIVARTA, V. (Coord.). Mídia e direitos humanos. Brasília: Andi: Secretaria Especial dos Direitos Humanos: Unesco, 2006a.

_____. Alice do outro lado do espelho: revisitando as matrizes das violências e dos conflitos sociais. Revista de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, v. 37, n. 2, p. 27-33, 2006b.

SANTOS, B. S. Do pós-moderno ao pós-colonial: e para além de um e de outro. Coimbra, 2014. Conferência de abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 16 set. 2004. 45 p. Disponível em: <www.ces.uc.pt/misc/Do_pos-moderno_ao_pos-colonial.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

_____. Um discurso sobre as ciências. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010a.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010b.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, B. S.; ARAÚJO, S.; BAUMGARTEN, M. As epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. Sociologias. Porto Alegre, v. 18, n. 43, set.-dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222016000300014>.

SAVOLAINEN, Reijo. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. Library Quarterly, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007.

SILVEIRA, M.; GUEDES, M. Inteligência artificial, automação e sociedade: o episódio “tay” e a fuga ciberpositiva In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM HUMANIDADES DIGITAIS, 1., 2018, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: CPDOC, FGV, 2018.

TOMAEL, Maria Inês; ALCARA, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. Ciência da Informação, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01009652005000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 out. 2018. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652005000200010>.